

Amplificar e ampliar o choro na educação básica

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: Choro no sentido lato

Resumo. O choro pode ser considerado como um dos primeiros gêneros instrumentais da música brasileira. Apesar de presente na cidade de Curitiba e nas diretrizes curriculares para a educação da cidade, é possível ampliar a sua presença nas salas de aula. Este recorte de uma dissertação de mestrado apresenta as possibilidades do repertório do choro no contexto do ensino básico, destacando as oportunidades de desenvolvimento musical que este gênero pode estimular. Considerando as características do choro (ALMADA, 2006; DINIZ, 2003, entre outros) e da prática da música popular (SANDRONI, 2000; GREEN, 2002, 2012), busca-se ampliar os repertórios e as vivências na educação musical escolar a partir da música brasileira.

Palavras-chave. Choro. Educação Musical. Música na Escola.

Title. Amplify and expand choro music in basic education.

Abstract. Choro can be considered one of the first instrumental genres of Brazilian music. Despite being present in the city of Curitiba and in the curricular guidelines for education in the city, it is possible to expand its presence in classrooms. This excerpt from a master's thesis presents the possibilities of the choro repertoire in the context of basic education, highlighting the opportunities for musical development that this genre can stimulate. Considering the characteristics of choro (ALMADA, 2006; DINIZ, 2003, among others) and the practice of popular music (SANDRONI, 2000; GREEN, 2002, 2012), we seek to expand the repertoires and experiences in school music education from of Brazilian music.

Keywords. Choro music. Music Education. Music in the School.

1. Introdução

No contexto brasileiro do ensino da música nas escolas encontram-se ainda alguns desafios. Entre eles está o de explorar o potencial da música popular brasileira na educação básica (FUCCI-AMATO, 2012). Essa questão acentua-se em relação ao repertório instrumental brasileiro, sobre o qual são escassos os trabalhos e o alcance em relação ao grande público (ASSIS *et al.*, 2009), ficando também distantes do ambiente escolar. Partindo dessa questão, o trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa de mestrado sobre o repertório do choro como protagonista na construção do conhecimento musical na educação básica.

Entre os primeiros gêneros instrumentais da música brasileira, surgido a partir de influências da música europeia e africana na prática dos instrumentistas (NETO; VENTURINI, 2017), o choro está presente na cena musical da cidade de Curitiba (PETERS, 2016) e nas suas diretrizes para a educação municipal (CURITIBA, 2016). Entretanto, o choro ainda carece de espaço na sala de aula e a falta de hábito de escuta da música instrumental torna-se uma realidade para a maioria das crianças, que deixam de vivenciar este tipo de discurso sonoro musical.

2. O choro

O choro é um gênero musical nascido no Rio de Janeiro no século XIX. Peters explica que:

O início do choro encontra-se na formação da música popular urbana brasileira, refletindo a diversidade cultural, étnica e sócio-econômica das cidades, onde os gêneros musicais europeus da moda estavam presentes. (PETERS, 2005).

Inicialmente o termo denominava tanto uma festa com o conjunto formado por violão, flauta e cavaquinho, como também o nome deste conjunto instrumental e depois, o gênero musical brasileiro. (DINIZ, 2003). Este gênero brasileiro, predominantemente instrumental, tem como características frequentes a estrutura formal rondó, sendo que cada parte geralmente é constituída de dezesseis compassos ou de outros múltiplos de quatro, (SÉVE, 1999 apud NILSON, 2005), a escrita em compasso binário e o caráter de improvisação por parte do executante. Para Neto e Venturini (2017), a presença da música europeia e africana na prática dos instrumentistas brasileiros no contexto urbano caracteriza a gênese do choro e explica a sua riqueza plural.

No contexto da cidade de Curitiba, cidade situada ao sul do Brasil, o choro iniciou o seu caminho no final do século XIX, e segue até os dias de hoje. O gênero começou a despontar em salões e nas casas das famílias, e segue atualmente presente nos ambientes acadêmicos e de entretenimento da cidade. (PETERS, 2016). Conforme os apontamentos de Peters sobre o choro em Curitiba, “A cada dia mais um choro é composto, mais um instrumento musical entra na roda, mais um cd é gravado e mais alguém reconhece uma música que gostou de ouvir como sendo um choro” (idem, 2016). Nas diretrizes curriculares para a educação municipal de Curitiba – ensino fundamental – a música brasileira está entre os conteúdos da área de arte: “Música popular brasileira: diferentes matrizes estéticas” (CURITIBA, 2016). Na nota de rodapé, sugerem-se alguns gêneros; entre eles, está o choro. Mencionado nos documentos oficiais para a educação municipal de Curitiba, o choro pode ampliar as suas oportunidades na sala de aula.

3. O choro na escola

O repertório do choro pode ser explorado nas aulas de música na escola, inspirando propostas de ensino e aprendizagem musical a partir da música brasileira. Os cursos de formação destinados a professores podem, da mesma forma, considerar as potencialidades deste repertório. Ao participar de cursos sobre apreciação musical ativa pode constatar que o repertório instrumental utilizado tende a ser, em sua maioria, o da música erudita europeia. Ao

ministrar um curso sobre o choro na educação básica, percebi que este repertório e suas possibilidades não eram considerados no contexto da educação básica nem mesmo pelos instrumentistas de choro presentes. Não se trata de invalidar qualquer tipo de repertório, e sim de indicar as possibilidades de trabalho de um repertório brasileiro cujo potencial ainda pode ser explorado na sala de aula (FUCCI-AMATO, 2008).

O choro pode ser utilizado na educação musical, quer seja no ensino instrumental ou na educação básica, cujo objetivo não é direcionado apenas ao ensino instrumental. Em sua dissertação, Yaunner (2013) trata do ensino do choro na Educação Básica, porém considera exclusivamente o ensino coletivo dos instrumentos do choro. A autora relaciona outras pesquisas sobre o choro na escola, entretanto todas destinadas ao ensino fundamental - anos finais e ensino médio, e direcionadas a instituições que possuam instrumentos musicais nele utilizados, uma realidade pouco frequente entre as escolas públicas. Em livros didáticos de música é possível encontrar atividades sobre o choro, como aprender a biografia dos compositores, perceber os instrumentos e ouvir o repertório, ou seja, atividades que não demandam um engajamento vivencial.

As pesquisas de Green (2002, 2012) indicam que a música popular pode estar presente na sala de aula, mas que os seus processos de prática, aprendizagem e transmissão são ignorados ou deturpados. Para a autora, o contexto escolar pode modificar os significados das experiências musicais, fazendo com que a música popular seja ensinada nos mesmos moldes da música clássica, e afirma que:

Se suas práticas autênticas de produção e transmissão estão ausentes do currículo, e se nós não formos capazes de incorporá-las em nossas estratégias de ensino, estaremos lidando com um simulacro, ou com um espectro da música popular em sala de aula, e não com a coisa em si (GREEN, 2012, p. 68)

Sandroni (2000) também alerta, sobre o ensino de música popular na escola, que “É possível tratar as músicas populares como conteúdos a serem incorporados aos currículos de música, mas ensinados segundo métodos alheios a seus contextos originais” (SANDRONI, 2000, p. 20). O autor reforça a necessidade de incluir os temas da cultura brasileira no currículo não apenas como “mera adoção de novos conteúdos”, mas principalmente a partir da didática das culturas de tradição oral, posto que “Nas culturas populares, os modos-de-fazer são tão ou mais importante do que os conteúdos” (SANDRONI, 2000, p. 26). A questão que se apresenta então é preservar a experiência prática do choro em um contexto escolar coletivo e não direcionado à prática instrumental, especialmente em se tratando do segmento dos anos iniciais do ensino fundamental (crianças entre 6 e 11 anos, aproximadamente).

Retomando as características do choro, relaciono as oportunidades que este repertório oferece para a construção do conhecimento em música com o foco no ensino fundamental. O predomínio da canção como um padrão ocasiona na falta de hábito de escuta da música instrumental (RODRIGUES, 2017), uma realidade para a maioria das crianças que deixam de vivenciar este tipo de discurso musical. (ALMEIDA; LEVY, 2010). A música instrumental pode ser trabalhada a partir do choro (FERNANDES, 2019), ampliando a oportunidade da escuta de música instrumental em específico, da música instrumental brasileira. Partindo do choro, o professor pode promover conexões com outros tipos de música instrumental; uma unidade temática sobre aves pode iniciar com o choro “Bem-te-vi atrevido”, de Lina Pesce, e conectar-se a outras músicas instrumentais de mesma temática (“O cuco” e “O aviário”, de Camille Saint-Saens; “A primavera” de Vivaldi; “Oiseaux Exotiques”, de Messien; “El colibri”, de Julio Segreras entre outras). Paisagens sonoras, sons das aves, grafia analógica dos sons, onomatopeias, parlendas e até canções folclóricas podem derivar desta proposta que tem o choro como motivo gerador.

Os instrumentos do choro, que incluem cordofones, aerofones, membranofones e eletrofones, podem estimular a pesquisa sobre os instrumentos musicais, sua produção de som e classificação, assunto tratado, em muitos casos, apenas a partir da orquestra sinfônica. Desde os instrumentos utilizados com maior frequência (flauta, cavaquinho, violão, piano, pandeiro, bandolim, saxofone, acordeon, clarinete e violão de sete cordas) (DINIZ, 2003) e incluindo os diversos instrumentos que são utilizados no choro, a música brasileira pode ser a protagonista do conteúdo instrumentos musicais.

A forma rondó é recorrente em muitos choros, e consiste em um tema principal A que é intercalado com as partes B e C, resultando geralmente na sequência A-A-B-B-A-C-C-A (ALMADA, 2006). Dessa forma, o um tema é repetido, retomado e reforçado, criando a possibilidade de reconhecimento e familiaridade por parte do ouvinte. Ao mesmo tempo, a novidade estabelecida pelas variações ou modulações das outras partes afasta a monotonia e gera a expectativa “do que vem depois”. Essa relação entre repetição e contrastes contribui para que o ouvinte possa “(...) situar as partes no todo e estabelecer a unidade, por efeito de contrastes entre as diferentes partes” (WUYTACK; PALHEIROS, 1995, p. 19). Em sala de aula, a prática musical ativa pode ser utilizada nos choros, associando e realizando movimentos, percussão corporal, instrumentos de pequena percussão ou acompanhando com cartazes com cores ou elementos gráficos cada parte da música. Com isso, pode-se estimular a compreensão da estrutura musical e, por consequência, a compreensão musical.

O improviso (criação) é uma característica do choro que deve estar presente nas aulas de música na escola. Nas propostas de apreciação musical ativa o professor pode incluir momentos para que os alunos ou grupos de alunos possam criar, por exemplo, o seu movimento, brincadeira, acompanhamento, percussão corporal ou instrumental. O ato de organizar ideias com intenção musical – que ocorre na composição e na improvisação – é uma ferramenta para o engajamento dos alunos com os elementos do discurso musical ao mesmo tempo em que desenvolvem a sua própria voz (FRANÇA; SWANWICK, 2002). Os autores explicam ainda que nas composições dos alunos devem ser consideradas a forma como selecionaram e organizaram os sons com o propósito de expressar e comunicar seu pensamento musical (idem). Em um choro na forma rondó pode-se estabelecer momentos de improviso (parte B ou C), na qual cada aluno pode improvisar uma batida para acompanhar a música, ou ainda pedir que criem um jogo de mãos para acompanhar a parte A.

O desafio e a interação característica da roda de choro são aspectos que permeiam também as aulas de música do ensino básico, que acontecem em um contexto coletivo e no qual a motivação do desafio pode gerar um maior comprometimento por parte dos alunos. As atividades de apreciação musical ativa com o repertório do choro (e certamente com outros repertórios também) devem considerar a relação entre desafios e habilidades com vistas a manutenção da concentração, satisfação e do envolvimento, concordando com a teoria do fluxo de Csikszentmihalyi (1999). No choro existem diferentes gravações de uma mesma música, com variações de andamento, instrumentos, arranjo e interpretação. Portanto, o professor ou a professora deve verificar se a gravação utilizada permite a realização da atividade em um nível de dificuldade acessível e de acordo com os objetivos da aula. A interação entre colegas na sala de aula, assim como na roda de choro, pode contribuir para o aprendizado entre os pares, por meio da observação, escuta e imitação (GREEN, 2012) e para uma dinâmica estimulante da aula.

Os elementos expressivos, descritivos e o caráter brincalhão do choro podem ser entendidos como potenciais geradores de afinidade de um repertório instrumental para crianças. Para Wuytack e Palheiros (1995), esta forma de ativação da escuta é atraente e desejável do ponto de vista pedagógico por possibilitar que o ouvinte acompanhe a estrutura musical, esta que evoca acontecimentos, cenas, situações ou imagens. Os autores também alertam que o atraente vínculo programático não deve limitar a compreensão musical do aluno, que deve ter a possibilidade de ultrapassar o programa.

4. Considerações finais

A riqueza do repertório do choro pode ressoar também nos ambientes escolares, considerando as suas características e oportunidades. A convergência entre os elementos de interação, desafio, a improvisação (criação), forma (repetição e variação), acrescidos da natureza comunicativa, expressiva e programática do repertório instrumental do choro com o universo da criança dialoga com as práticas e os sentidos da presença da música na escola.

A utilização do choro em sala de aula não deve se restringir a conhecer compositores ou repertório; é importante considerar os contextos e práticas que o acompanham e explorar as características e oportunidades que o repertório oferece, incluindo a sua aproximação com outros gêneros musicais. Conforme desenvolvido anteriormente, o ensino e a aprendizagem no choro tem um caráter prático, interativo e vivencial que pode ser preservado ao adentrar na sala de aula e inspirar práticas de educação musical com identidade brasileira.

Referências

- ALMADA, Carlos. *A estrutura do choro: com aplicações na improvisação e no arranjo*. Da Fonseca Comunicação, 2006.
- ALMEIDA, Berenice; LEVY, Gabriel. *Livro de Brincadeiras Musicais da Palavra Cantada – Livro do Professor*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.
- ASSIS, Ana Cláudia de; BARBEITAS, Flávio; LANA, Jonas; CARDOSO FILHO, Marcos Edson. Música e História: desafios da prática interdisciplinar. In: BUDAZ, Rogério (org.). *Pesquisa em música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas*. Goiânia: Anppom, 2009. (p.5-39).
- CURITIBA. *Plano Curricular Arte – 1º ao 5º ano*. Curitiba: SME, 2016.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A descoberta do fluxo. Psicologia do envolvimento com a vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DINIZ, André. *Almanaque do Choro: a história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FERNANDES, Daniel Costa. Pixinguinha Para Crianças, uma experiência de apresentar chorinho para o público infantil. *Revista Brasileira de Música - Programa de Pós-graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 32, n.1, p. 153-161, Jan./Jul. 2019.
- FRANÇA, Cecília. Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, 13 (21), 5-41, 2002.
- FUCCI-AMATO, Rita. Momento brasileiro: reflexões sobre o nacionalismo, a educação musical e o canto orfeônico em Villa-Lobos. *Revista Electrónica Complutense de Investigación en Educación Musical*, v. 5, p. 1-18, 2008.



FUCCI-AMATO, Rita. *Escola e educação musical: (des)caminhos históricos e horizontes*. Campinas: Papirus Editora, 2012.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. Londres: Ashgate, 2002.

GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da ABEM*, v. 20, n. 28, 2012.

NETO, Henrique; VENTURINI, Eduardo. *Manual do choro*. Brasília: s.n., 2017.

NILSON, Deborah Fernandes. *Gêneros brasileiros a quatro mãos para o iniciante de piano: um estudo de aspectos motivacionais, técnicos e estilísticos em oito peças de Ricardo Nakamura*. Belo Horizonte, 2005. [176 f.]. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

PETERS, Ana Paula. *De ouvido no rádio: os programas de auditório e o choro em Curitiba*. Curitiba, 2005. [118 f.]. Dissertação (Mestrado em Sociologia). SCHLA, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

PETERS, Ana Paula. *Nas trilhas do choro*. Curitiba: Máquina de escrever, 2016.

RODRIGUES, Leonardo Nascimento. *Apreciação musical nos anos iniciais do ensino fundamental: experiências de escuta de música instrumental*. Rio de Janeiro, 2017. [142 f.]. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/10937/DISSERTA%C3%87%C3%82O%20-%20Leonardo%20do%20Nascimento%20Rodrigues.pdf?sequence=1> Acesso em: 09 dez. 2019.

SANDRONI, Carlos. Uma roda de choro concentrada: reflexões sobre o ensino de músicas populares nas escolas. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 9., 2000, Belém. *Anais [...]*. Belém: Abem, 2000. p. 19-26.

WUYTACK, Jos; PALHEIROS, Graça Boal. *Audição musical activa: livro do professor e livro do aluno*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical, 1995.

YAUNNER, Beatriz Stutz. *O ensino do choro na educação básica: uma possibilidade*. Rio de Janeiro, 2013. *Dissertação* (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.